

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso no Tip. Progresso - Espinho AVULSO 2000 Director Interino ANTÓNIO GAIO NÚMEROS 49 E 50 ANO IV MAIO/JUNHO/1952

EDITORIAL

TURISMO

A Natureza deu à nossa terra um punhado de encantos, marcando-lhe um destino risonho e próspero. O mar, a praia, o sol, a situação geográfica, fizeram uma terra de turismo. A ânsia de um ar novo e forte, a necessidade de um clima diferente e o prazer do mar, arrastaram visitantes e criaram amigos.

Nasceu um nome, cheio de sugestões magníficas para o homem que busca a alegria de viver. Espinho é um cartaz berrante de promessas, uma força nova que arrasta multidões. O Turismo é a fonte de riqueza que está na base do progresso desta terra moderna.

A força irresistível do nosso mar, da água irrequieta e espumante, da areia linda, da terra amiga, ajudada por homens de boa vontade, ergueu uma Zona de turismo, de brilho inconfundível no plano nacional. A terra pequena de pescadores simples e humildes transformou-se e foi longe.

O fenómeno não podia deixar de ter observadores.

A concorrência ajudada por novos valores da propaganda e a evolução natural para um Turismo melhor, obrigaram os homens a pensar e sentir a luta. Não basta a riqueza natural. É necessário criar formas novas, redescobrir encantos e atirá-los numa chuva colorida sobre o grande público.

Mais do que nunca, Turismo e Propaganda são palavras inseparáveis.

A defesa dum valor oferecido pela Natureza e enriquecido por várias gerações exige muito trabalho e dinamismo. As pausas, os enfraquecimentos e as orientações erradas, atrasam a corrida para o melhor lugar.

Espinho tem perdido terreno, por culpa de homens que fizeram durante muitos anos o suficiente para se chegar à conclusão que uma Comissão Municipal de Turismo não pode fazer mais do que cobrar os respectivos impostos, organizar duas ou três festas incipientes e autorizar uma publicidade desorganizada e infeliz.

Sem pessimismo a verdade é esta:—Nesta praia não se sabe o que é fazer Turismo verdadeiro.

Nem sequer se tem tentado uma caricatura decente.

O Tempo corre e as lições ficam. Os novos, se estão animados de boa vontade, devem procurar mudar o curso dos acontecimentos.

Procurando a colaboração de todos e a integração numa tarefa consciente, arejada, conhecedora das exigências modernas do Turismo, pode-se recuperar o perdido e conquistar a primazia.

Mas nada frutificará se cairmos nos esforços isolados. Há muita coisa a fazer ditada pela boa vontade e por uma noção equilibrada da exploração comercial. O conselho amigo dos elementos oficiais, até a campanha organizada, devem tentar acabar com a ambição exagerada que se verifica desde determinados sectores comerciais até ao aluguer das casas para os veraneantes. O turista que não é explorado torna-se num cartaz vivo do bom nome da nossa praia. Outro problema que não pode ser resolvido só pela Comissão M. de Turismo é o hoteleiro, a criação de bons serviços em ambientes agradáveis e atraentes.

Se, na verdade, há muito a pedir à iniciativa particular, as obrigações duma Comissão M. de Turismo são maiores.

Continua na pág. 9

Em 1952...

MARÉS VIVAS

O Problema da Assistência

O quadro de cores fortes, sofrendo com o tempo, ganhou tonalidades sombrias. Decorridos dez anos, o problema da assistência social, em Espinho, sem esquecer a galhardia de uma ou duas instituições é bastante complexo e cheio de dificuldades.

A pobreza continua a marcar uma parte grande da população. O enfraquecimento da Indústria e a avareza dum mar difícil e trocista, estão na base das cores sombrias que obrigam a recordar com angústia e remorso a presença do próximo, feito da mesma carne e do mesmo sangue.

O bom coração criou instituições diversas, dispostas a lutar com um mal, decididas a elevar o nível do povo desprotegido. Com rótulos diferentes, procurando a mesma finalidade, a indicação do êxito parecia certa. Mas não bastam as boas intenções. A realidade é portadora de muitas lições amargas, capazes de desiludir e vencer esforços isolados e incertos. E, assim, aumentaram as dificuldades e agravou-se o problema.

As instituições de caridade da nossa terra vivem isoladas e debaixo de orientações diversas. Aqui é que está o grande mal. A desunião, a falta de uma directriz única, a ausência dum plano bem estruturado, dificultam e impe-

dem o melhor trabalho para uma assistência melhor.

A Misericórdia, a Cantina, o Patronato, outros organismos e tudo o que a Comissão de Assistência possa tentar de novo, procurando caminhos diferentes, nunca poderão realizar a obra que se impõe, acentuando cada vez mais a impressão de que é quase impossível uma assistência social efectiva.

É verdade que o capital disponível para as realizações é quase ridículo diante necessidades tremendas, mas também é certo que a disposição torna esse capital muito mais mesquinho e quase inútil.

O primeiro passo, bem à vista da menor parcela de bom senso, é a centralização, a unificação. Entre homens de boa vontade não deve ser muito difícil de conseguir objectivo tão elevado.

Não basta uma Misericórdia a trabalhar desligada das outras instituições, uma Cantina a dar de comer a corpos sujos e a almas sem esperança e cansadas, um Patronato a ministrar uma educação incompleta e uma assistência passageira, umas Creches de acção reduzida, uma O. P. P. E. desorganizada e sem

Continua na pág. 3

...E VINTE ANOS DEPOIS...

Quem, tendo vivido a vida buliçosa de Espinho, há uns bons vinte anos a esta parte, queira fazer o confronto com o viver, por vezes monótono, dos tempos de hoje, sente que se lhe confrange a alma, sente uma tristeza imensa ao notar que, afinal, de então para cá, Espinho, quanto a propaganda, quanto a uma maior divulgação das suas naturais belezas pouco mais caminhou, se é que não cristalizou.

Talvez por isso mesmo, a transcrição feita pelo Rumo—Jornal de novos para Novos e Velhos—do "Espinho em 1940", escrito há umas dezenas de anos, por quem alguma coisa fez pela Terra que, se lhe não serviu de berço, pelo menos o acolheu e acarinhou como se seu filho fôra, tenha acordado, de novo, intenções contidas, e venha dar ânimo

às gerações de hoje, futuras dirigentes de Espinho, amanhã, para demonstrar que o lema "Por Espinho" não deve servir só para enfeitar perús com penas de pavão, mas para tornar real e palpável a Obra de que Espinho carece.

Escrito num momento de entusiasmo, com um desejo ardente e sincero de ver Espinho engrandecido, "Espinho em 1940" pretendia demonstrar, então, o que esta Terra poderia, mereceria e deveria ser, passado este lapso de tempo.

Neves Ferreira, Adelino Dias dos Santos, Mário de Freitas Ribeiro, Eurico Pousada, Engenheiro Ricardo Gaioso, Fontoura, Isolino, Silvério e Jacinto Vaz, Mário do Ama-

Continua na pág. 7

GENTE DO MAR

(CONTARELO VAREIRO)

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola?

— Canalha!

Nunca mais foi ao mar, o ti Caréol. Dizia-se que tinha medo. Ia fazendo um ou outro recado, prestando qualquer serviço, esmolando aqui e além, e lá se arrastava como podia. Era grande a sua miséria. Mas não ia ao mar como os outros. Renegava-o, preferia não ter uma malga de caldo p'ra comer.

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola?

— Canalha!

Renegava a vida do mar. Descia ao areal, ia encostar-se num casôto, e ali ficava horas a encarar o mar, soltando pragas, como se um peso lhe esmagasse o coração. O rapazio topava-o naquela maluqueira e gritava-lhe:

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola!

— Canalha!

Mar dum raio! exercia sôbre êle uma atracção dos diabos. Amaldiçoava-o! Dês que perdera os dois filhos ao largo, engulidos pelo mar e sem poder salvá-los, ficara assim apoucado da razão. Antes se sumisse com eles, antes isso! Ao menos acabava com a cruz! E nunca mais foi ao mar. Por isso, que o rapazio o apoucava:

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola?

— Canalha!

Ali passava horas, vendo o barco esfacular-se embatido pela tempestade, os remos partidos, à deriva, desfeito pelas ondas e os homens agarrados aos destroços. Ele, o homem mais valente da companhia fora cuspidado ao primeiro embate; nadara, nadara, envolvido pelas ondas, enquanto os seus filhos e outros homens desapareciam para sempre. Mar excomungado! Só ele se salvara para arrastar misérias. Antes lá ficasse, era melhor! Mar dum raio! E nunca mais foi ao mar. Renegava-o! Diziam que era medo. Ele, que fora o mais resoluto de todos! O mais resoluto! Maldito mar!

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola?

— Canalha!

Mas uma desgraça nunca vem só. A Guida ficara como morta, ao ver o barco desfazer-se ao largo. Gritara e amaldiçoara o mar como todo o mulherio, suportando os embates da tempestade na praia, mas não teve forças para enxergar o final daquela desgraça. As mulheres levaram-na, a febre prostou-a por muito tempo e custosamente pode refazer-se do choque; escapou por milagre. Só depois soube toda aquela desgraça: a morte dos dois filhos e o salvamento do pai. Vida amargurada!

Erguera-se fraca, com uma tosse seca a afligi-la. Desfazia-se em pranto, aquela creatura. Cho-

rava, chorava e não lhe apetecia comer. As vizinhas sempre lhe mandavam uma malga de caldo, um bocado de pão, umas sardinhas, mas ela não lhes tocava. Era boa mulher, trabalhadeira, amiga de fazer bem e a primeira a socorrer as misérias da vizinhança.

Não lhe apetecia comer. O ti Caréol afligia-se, vendo emagrecer aquela mulher possante, uma moira de trabalho, que batia as estradas ao redor de cinco léguas, carregada, e que só desta vez tinha ido à cama.

Mas era preciso ir p'ra vida. A Guida era mulher envergonhada, enquanto pudesse trabalhar não aceitaria esmolas. O ti Caréol é que nunca mais foi ao mar. Dês que escapara do naufrágio, ficou atoleimado e a falar só. Passava horas na praia, encostado aos barcos, a fitar o mar, soltando ais e mordendo pragas.

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola?

— Canalha!

Mas era preciso ir p'ra vida. O ti Caréol nunca mais foi ao mar. Odiava-o. Cãol Maldito! Prestava-se a recados, a serviços que apareciam num e noutro lugar, e ia envelhecendo. Nunca mais foi ao mar, o homem valente que tantas vezes enfrentara a morte, que tantas vezes dera exemplos de coragem. Nunca mais!

E a Guida voltou à venda do peixe, agora mais estafante, para não faltar o caldo no casebre, mas não podia, não podia.

Aquela tosse dava cabo dela. Não podia. Até deitara sangue pela boca, mas não disse a ninguém. Havia de trabalhar até ao fim.

Erguia-se de madrugada, noites medonhas, e lá partia para as povoações, a canastra cheia, correndo, correndo p'ra chegar primeiro e vender melhor — no fim uma miséria de ganho. Vida amargurada! Mas era preciso ir até ao fim.

Um dia sentiu grande aflição, e depois desfez-se em sangue. Das outras vezes não tinha sido tanto e resistira. A febre nunca mais a largou, dês que acontecera aquela grande desgraça, e chegavam-lhe à boca postas de sangue que escondia. Mas agora tinha sido demais, e ali estava como morta. Lutara com coragem enquanto pudera, mas agora não podia, a desfazer-se em sangue, não podia mais. Inda chamaram o doutor, mas dias depois fechava os olhos para sempre. Santa mulher!

O ti Caréol, ensandecido, vagueou longo tempo sem parança. Percorria as ruas da vila, altas horas, e soltava ais de cortar o coração. Os homens do mar tinham pena dele e chamavam-no para os ajudar n'alguns trabalhos da praia, sempre ganharia alguma coisa p'ra comer, mas ele

FORÇADOS

Como fantasmagóricas sombras eu vejo
O lento desfilar das hostes dum desejo
Que entre os homens se chama apenas vocação...

E cada dos vossos mártires
E' um novo Tântalo
Por crime que não é seu.
As tendências lhe sepultaram
Nas espirais longínquas

Do fabuloso reino de Morfeu...
Mas as forças da alma,
Uma a uma, se soltaram
E Tântalo renasceu.

E, hoje, como fantasmagóricas sombras, eu vejo
O lento desfilar das hostes dum desejo
Que apesar de reprimido venceu.

Em cada um há uma chama, um clarão,
Que no peito afogam com geito brando...
É de toda a injúria, de toda a revolta e indignação,
Brota apenas a imagem sublime, a heróica recordação
De Jesus, no calvário, a sua cruz levando...

E Jesus Nazareno,
Sofrendo como ninguém,
Esquecia tudo: dores, sangue, espinhos, vergastadas,
Quando, ao descerrar as pálpebras ensanguentadas,

Deparava com Sua Mãe
Que, desvairada,
O encorajava
Com lágrimas também.

E voltam a cabeça ao dobrar da estrada,
Mas a visão é confusa com os olhos rasos de água...
E lá vão sofrendo, sofrendo a sorte que lhes deram,
Porque mais fortes que as próprias dores
São as dores que lhes impuseram.

E estes homens, por Deus dotados,
Que sentem bem viva no peito uma vocação,
São aqueles que os pais, a família e a Nação
Condenam, sem pena, a mártires forçados...

Mário de Castro Correia

Do Livro de Poemas «RENÚNCIA»

esconjurava-os. Disseram então que tinha medo do mar, e injuriavam-no. Ele, o mais arrojado de todos, que tantas vezes se sacrificara para salvar os companheiros! Ele, que fora sempre o último a arredar, nos momentos tormentosos! Preferia viver de esmolas, de recados ou qualquer coisa, mas não do mar. Odiava-o!

Envelhecera antes do tempo, o ti Caréol. O mau passado e aquela ideia dos filhos e da Guida, sempre ferrada, davam cabo dele. Sentia pelo mar uma tentação de bruxedo mas odiava-o! Tantas desgraças lhe causara!

Mar dum raio, que o quisera engolir! Levava-lhe os filhos, mas a ele não o levava, não, não o levava! «Cãol que inda me queres engolir!»

E assim passava horas, colado ao costado dos barcos, olhos ferrados no mar, a morder pragas e a vociferar, como que perdido da razão, e talvez não desse conta das suas infinitas misérias. O rapazio é que o afligia, essa quadrilha...

— O' ti Caréol! Vocemecê é cagarola!

— Canalha!

Felisberto Ferrelrinha

Ouvindo os Principiantes

Continua da pág. 2

A equipa nacional fez-lhe a vontade e o título voltou-nos à mão pela quinta vez. Veremos se o futuro satisfará a outra aspiração.

Gomes de Almeida, o popular Lito, por certas razões ausente a parte dos jogos disputados, utilíssimo apesar de destreinado, disse-nos:

—«Estou realmente satisfeito por ter contribuído para a conquista do título de Campeão do Norte na categoria de principiantes, e senti grande pena por não ter podido dar em todos os jogos a minha modesta colaboração.»

—«Qual a equipa que consideraste mais difícil de vencer?»

—«Foi, sem dúvida, a categorizada equipa do Vigorosa, porque além de ser efectivamente uma boa equipa, era o jogo que com ela tínhamos que disputar o decisivo para a conquista do tão desejado título.»

—«Aspirações como patinador?»

—«A minha aspiração é ter sempre presente no meu espírito este lema: Sempre fiel à A. A. de Espinho. Já agora, em meu nome e em nome de todos os meus colegas, agradeço reconhecidamente o carinho dispensado pela Direcção da Académica e em especial por estes senhores que tanto trabalharam em prol da nossa boa actuação: Dr. Virgínio Pereira e Francisco Caldeira.»

O outro avançado, Alexandre Godinho, de personalidade curiosa, aparentemente apagado mas muito útil ao bom equilíbrio da equipa, respondeu a esta pergunta:

—«Ficaste satisfeito com o título? Consideras bem cumprida a tua tarefa?»

—«Satisfeitíssimo e muito mais quando soube que era o primeiro título regional conseguido pela secção de oquei patinado da Académica. Quanto à minha tarefa, digo-lhe que fiz o que me foi possível.»

—«Qual a equipa que mais difícil foi de bater?»

—«Na minha opinião — que, aliás, é a de quase todos os meus colegas — a equipa mais difícil de tornarmos foi, sem dúvida, o Académico, pois fomos obrigados pela força das circunstâncias, a alinhar só com quatro elementos.»

—«Que feito mais te agrada como jogador?»

—«Ser chamado para fazer parte da representação nortenha, quer em principiantes quer em seniores, envergando sempre a camisola do nosso querido club.»

O sexto campeão a ser ouvido foi o «sexto» habitual da equipa, Carlos Ledo, o jovem que, no encontro decisivo, rezou para que a equipa ganhasse e ele não tivesse que substituir qualquer colega.

—«E' cómoda a posição de sexto jogador?»

—«E' cómoda mas aborrecida porque se não sente a emoção de quando se joga.»

—«Qual o jogo que mais te impressionou?»

—«Foi o jogo com o Vigorosa, apesar de estar a sexto, porque sentia que era um jogo de responsabilidade.»

—«A que aspiras como oquista?»

—«Chegar a jogar alguma coisa.»

Com esta resposta, honesta e cheia de bom humor, estava terminado o nosso inquérito, mas quisemos ouvir um elemento de uma outra equipa de juniores que teve certa nomeada. Serviu-nos Alberto Alves.

—«Qual a melhor equipa: a de juniores de 1943 ou a de principiantes de 1952?»

—«A resposta é um tanto ou quanto difícil... Tanto na equipa de 1943 como na actual, existiam e existem valores individuais a sobressair no confronto com os restantes elementos... Qual o melhor conjunto? Talvez o actual, mercê de maior poder de patinagem e da própria e natural evolução do oquei patinado.»

Mas como poderia esquecer os outros dois campeões, que o foram pelo seu labor antes e durante o campeonato — Dr. Virgínio Pereira e Francisco Caldeira? Ao primeiro, o treinador competente e esforçado, perguntamos:

—«A equipa cumpriu as tuas indicações?»

—«A maneira disciplinada como se comportaram os jovens oquistas do nosso clube no decorrer do torneio regional permitiu que, das conversas que com eles tive, resultasse um entendimento absoluto.»

—«Consideras justa a vitória?»

—«Justa sob todos os aspectos. Resultou, a meu ver, do maior equilíbrio dos valores que compunham o nosso grupo em relação aos «cinco» adversários.»

—«Que dizes sobre as outras equipas?»

—«Das outras equipas sobressaíram a do Vigorosa, campeão de 1951 e a do Paredes, este a revelação do Campeonato. Todos os outros conjuntos revelaram menor capacidade e exibiram-se modestamente.»

—«Projectos e aspirações para o futuro?»

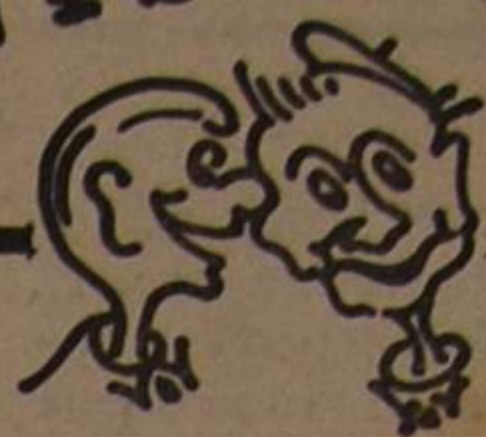
—«Como o nosso «cinco» está muito longe ainda do nível a que a real valia de todos os seus componentes — sem excepção! — permite aspirar, estou em crer que podemos olhar confiadamente o futuro. No entanto, como parar seria morrer, iniciamos já a preparação de outro «cinco» que alinhará ao lado do campeão no próximo ano, defendendo o prestígio do oquei espinhense.»

Francisco Caldeira, companheiro inseparável e amigo imprescindível dos jogadores, fechou esta entrevista:

—«A que atribues a vitória da nossa equipa?»

—«Sem dúvida que à sua superioridade sobre as outras, com excepção do Estrela e Vigorosa. No jogo com este último clube a grande vontade posta na luta pe-

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



...o senhorio da sede da Académica vai fazer obras no prédio...

...emprestar umas cadeiras é um problema intrincadíssimo...

...o principal óbice do empréstimo seria um possível engano na contagem...

...a complicação dessa contagem estaria na dificuldade da multiplicação das pernas das ditas e conseqüente divisão...

...a Académica cedeu o rink de patinagem à Secção de Pesca do Sporting local...

...a Académica pôs todas as facilidades na utilização do seu campo de voleibol pelo Sporting de Espinho...

...a cooperação e retribuição não são só palavras de dicionário...

...a equipa de oquei em patins da Académica — «Os Miseráveis» — vai em digressão à Ilha da Madeira...

...o mercado diário vai sofrer grande remodelação...

...a marcha luminosa teve

ainda este ano pouca luz...

...as palmeiras da Avenida oito vão ser utilizadas para publicidade...

...o rink de patinagem vai ser pintado...

...o Neca Engenheiro é especialista em identificação de matrículas de automóveis...

...o chefe da secção de Pesca da Académica ainda acaba por ser utilizado como isca...

...a Direcção da Académica vai para férias refazer-se do trabalho exaustivo da gerência...

...os serviços de limpeza da Câmara vão ser apetrechados com um excelente veículo motorizado...

...o orientador da equipa de voleibol do Sporting de Espinho é indivíduo a quem a côr preta deve causar certas perturbações visuais...

...os campeonatos em Espinho...

...no Parque Municipal vai ser instalado um recinto de diversões para crianças...

los nossos miúdos superou o melhor conjunto do adversário.»

—«Qual o jogo mais difícil e o adversário mais forte?»

—«O disputado em S. João da Madeira, contra o Académico. Embora o antagonista fosse dos mais fracos, a vitória foi difícil pois que, além da chuva que caiu durante quase todo o jogo, tivemos que alinhar com quatro elementos. Como adversário mais forte, o Vigorosa.»

—«Em face do valor de cada uma, consideras justa a classificação final das equipas?»

—«Não. A Sanjoanense merecia melhor classificação. O 5.º lugar não diz bem o seu valor. O terceiro lugar seria mais verdadeiro.»

—«Qual o melhor de todos os jogadores principiantes que viste actuar?»

—«João Andrade, médio do Vigorosa. Tem todas as qualidades para vir a ser um grande jogador: boa colocação no rink, facilidade de corte, excelente domínio de bola e forte stikada.»

A paciência dos leitores está esgotada e não vale abusar dela. Tivestes diante de vós as opiniões, os desejos, as personalidades ainda não completamente definidas dos mais jovens campeões espinhenses. Tirai daqui as conclusões que quiserdes e ajudai a Académica, com a vossa amizade, a vossa dedicação, o vosso entusiasmo, a desenvolver a sua secção de oquei em patins, formando cada vez mais e mais atletas.

Leia, assine, propague

"RUMO"

Marés Vivas

Continuado da pág. 1

vitalidade, e, finalmente, uma Comissão Municipal de Assistência, de mãos na cabeça e pés atados, diante muitos a puxar cada um para o seu lado.

E o problema de uma assistência médica, senão efectiva, pelo menos melhorada? E o combate à tuberculose? E a previdência para a velhice? E a higienização elementar dos corpos e dos espíritos? E a educação dos novos, a criação de novos operários conscientes?

As interrogações iriam longe. Há muito que fazer e, infelizmente, se as possibilidades económicas são muito reduzidas também é certo que até aqui tem havido pouca vontade e pouca visão.

Uma nova época pode nascer com a unificação dos organismos locais de Assistência Social.

Depois da centralização, teríamos a elaboração dum plano geral a cumprir por todos, num trabalho decidido a ultrapassar as boas intenções.

Bases concretas para um plano, melhores possibilidades económicas e realizações, só poderão vir depois do Primeiro Passo. Esperamos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



ENTRADA EM CAMPO

A P Ê L O

Não se apagaram ainda de todo os ecos da esplêndida vitória alcançada pela equipa nacional de oquei em patins no Campeonato Mundial de 1952, disputado nesse grandioso monumento de vontade e bairrismo que é o Pavilhão de Desportos do Porto. Estão, e estarão por muito tempo, na memória de quantos tiveram a felicidade de assistir aos jogos, a exibição extraordinária da equipa no jogo inicial, o desalento após o jogo com a Itália, o "goal" magnífico com que Correia dos Santos alcançou a vitória sobre a Bélgica, o entusiasmo transbordante da tarde de 6 de Julho, após o triunfo sobre a Itália, no jogo da finalíssima. Mil e uma peripécias, mil e uma atitudes, mil e um pormenores continuarão a ser motivo de longas e calorosas conversas.

Este entusiasmo, este interesse pela modalidade não podem limitar-se ao plano nacional e têm que descer até às células minúsculas que dão vida ao oquei em patins—os clubes. A Associação Académica de Espinho, por razões de sobejo conhecidas e discutidas, está a atravessar um momento de crise que não deixa de reflectir-se na sua equipa principal de oquei em patins, cujo fraco rendimento talvez seja a origem principal dessa crise. Os associados e os amigos do oquei em patins, em face do actual estado de coisas, perderam o entusiasmo antigo, deixaram de apoiar com o calor de outros tempos os oquistas espinhenses. Esta atitude é prejudicial para o desenvolvimento do clube, tirando a jogadores e dirigentes a vontade de trabalhar, aumentando a crise que há que combater e eliminar. Se a equipa principal não é suficientemente forte para recuperar o lugar de prestígio que a Académica já teve na modalidade, isto não quer dizer que ela seja incomensuravelmente fraca para não assegurar a continuidade da sua presença na Primeira Divisão Regional. Além disso a categoria imediata, a de principiantes, promete vir a elevar o valor do clube na modalidade. Não nos parece que deva haver lugar para desânimos. Se hoje somos fracos, poderemos, num futuro mais ou menos próximo, tornarmo-nos fortes. Da compreensão de simpatizantes e associados esperamos o apoio confiante e entusiástico à actual equipa de oquei em patins, esquecido de enfraquecimentos temporários.

P. M.

Ouvindo os Principiantes

Pela primeira vez inscreveu a Académica o seu nome no rol dos campeões regionais de oquei em patins, modalidade a que se dedica quase que desde os seus primeiros tempos. Obtiveram este galardão os principiantes, após uma prova em que só colheram vitórias, numa demonstração de regularidade e valor que tornou justo o título alcançado. Mais do que pelo facto de se ter conquistado um Campeonato, o feito da equipa agrada-nos pelas perspectivas de um futuro que se augura bom. Possa a vaidade afastar-se dos jovens campeões e permitir o desenvolvimento normal das suas reais faculdades.

Quisemos ouvir para os nossos leitores as opiniões dos «miúdos», naturalmente satisfeitos com a proeza. Eis o que eles nos disseram.

Alfredo Dias, o guarda-redes mais pesado do torneio, tão capaz de boas exhibições como de muito más actuações, é o primeiro a depor.

—«Qual o avançado adversário que mais te importunou?»

—«João Andrade, do Vigorosa, que, além de ser o mais perigoso, foi o jogador que mais

apreciei.»

—«Qual foi a equipa que mais te agradou?»

—«Sem dúvida, pelo seu real valor, a do Estrela e Vigorosa.»

—«Que aspirações nutres como praticante da modalidade?»

—«A minha maior aspiração era ganhar o Campeonato Nacional. E... se pudesse... envergar mais tarde a camisola das cinco quinás.»

Seguiu-se Manuel Moreira, pequeno de corpo mas grande de alma, duro apesar de fraco.

—«Qual o ataque que te causou mais dores de cabeça?»

—«Foi o do Académico, não só por causa da chuva que caiu durante todo o desafio mas também pela nossa inferioridade numérica.»

—«O que te daria maior prazer como hoquista?»

—«Ser Campeão Nacional.»

Vlademiro Brandão, o mais novo de uma geração de habilidosos desportistas, o maior marcador da equipa, entra em acção:

—«Qual foi o guarda-redes que tiveste mais dificuldade em bater?»

—«O guarda-redes do Vigorosa, porque tinha muito boa co-

UM OFÍCIO DA Ass. de Oquei em Campo do Porto

Transcrevemos hoje um ofício recebido da Ass. de Oquei em Campo do Porto. Após a transcrição vêm os comentários que o seu conteúdo nos sugere e a resposta, correcta e fiel à verdade. Quere-nos parecer que o caso morrerá por aqui, não sendo preciso gastar com ele mais tempo e tinta, que aliás não merece.

Porto, 21 de Abril de 1952

Ex.^{mo} Senhor Director do "Rumo"
Boletim da A. A. de Espinho
ESPINHO

[Ex.^{mo} Senhor:

Acusa-se a recepção, em 9 do corrente, do n.º 45 da publicação «RUMO», boletim da Associação Académica de Espinho, gentileza que se agradece.

Ao percorrê-lo depara-se, todavia, com um artigo inserto na local «Pelo Desporto», intitulado «Moralidade de Sapateiro», cujo conteúdo não pode deixar de merecer alguns reparos, dada a forma declaradamente acintosa como o mesmo está redigido. É razoável supor-se que as afirmações ou insinuações feitas não se dirijam especialmente aos actuais Corpos Directivos desta Associação, tendo em conta as datas da referida publicação e a do empossamento desta Direcção.

Não importa, porém, considerando que, para o efeito, não interessam nomes de dirigentes, antes sim, e exclusivamente, a dignidade e o prestígio dum corpo directivo—a Associação de Hoquei em Campo do Porto. E já agora aproveita-se o ensejo para estabelecer a ligação entre a local citada e uma outra publicada no mesmo jornal, em 31-12-51. Esta Direcção, que ora representa a entidade regional, lamenta profundamente a intenção, pelo menos, que teria determinado aquelas atitudes, que, sendo de si pouco elegantes, são sobretudo, infelizmente censuráveis.

Nomeadamente, frizam-se as circunstâncias seguintes:

a) A afirmação de que a Associação «tem tentado por todos os meios afastar do seu seio a Académica».

Ora carece de fundamento tal declaração, porquanto esta Direcção não tem conhecimento de que os legítimos interesses da Associação Académica de Espinho não hajam sido sempre apreciados e postos em pé de igualdade com os dos outros filiados. Pode mesmo afirmar-se, pelo contrário, que apesar de alguns atritos que porventura surgissem com a Associação Académica de Espinho durante o mandato da Direcção cessante—aliás fruto de mal entendidos—aquela Direcção procurou sempre enveredar pelo caminho do espírito de colaboração e boa vontade para com aquele Clube. E os corpos gerentes actuais estão igualmente animados da intenção de prosseguir, nas suas relações com a referida entidade desportiva dentro da mesma orientação de simpatia, a bem dos superiores interesses do oquei em campo.

b) Diz-se ainda que «os corpos gerentes da entidade portuense, formados por indivíduos cuja missão parece não ser outra que a de defender, a todo o transe, os clubes da sua simpatia pessoal, usam de todos os meios, legais ou ilegais...».

E' puramente gratuita e um tanto insidiosa esta afirmação, pois, sem mais comentários, nota-se, a propósito, que a Associação Académica de Espinho esteve e está actualmente também representada na Associação por um dirigente, que ocupa nada menos que o cargo de Vice-Presidente da Direcção.

c) Por último, refere o articulista que nesta Associação «proliferam as irregularidades, criam-se todos os obstáculos possíveis e imaginários para nos afastar». E mais abaixo: «o rigor que se adoptou para os espinhenses não teve seguimento em relação a posteriores casos respeitantes a jogadores de outras equipas...».

Negando-se, por fantasiosas, as alusões referidas nesta alínea, esta Direcção, por intermédio de V. Ex.^a, convida formalmente a Associação Académica de Espinho a concretizar e provar o seu conteúdo. Com efeito, ninguém com verdade poderá contestar que

locação na baliza, mas para mim o melhor guardião do Campeonato foi Alfredo Dias.»

—«Qual a tua maior pretensão como oquista?»

—«Pessoalmente desejaria ser internacional. Como desportista, gostaria que fôssemos de novo Campeões do Mundo.»

Continua na pág. 3

esta Associação nos casos em que, por obediência a disposições disciplinares, não tenha sempre facultado aos infractores todos os meios de defesa de que possa dispor. Infelizmente, a Associação Académica de Espinho tem dado margem a que esta Associação tenha por vezes de lançar mão daqueles meios olvidando, parece que propositadamente, os regulamentos que regem esta entidade, que, na sua função orientadora e disciplinar, está, dentro de toda a justiça, inexorável nesse terreno.

Esta Associação espera confiadamente que não voltem a repetir-se facts da natureza, sob pena da adopção imediata das medidas que forem entendidas por convenientes.

Julgando-se ter esclarecido a posição desta Associação Regional perante o conteúdo do artigo em causa, e esperando-se que não deixarão de ponderar devidamente os presentes comentários, aproveito o ensejo para agradecer a V. Ex.^a as nossas mais cordiais

SAUDAÇÕES DESPORTIVAS

Ass. de Oquei em Campo do Porto
Pela Direcção
Presidente

Antes de mais, louvemos a actual Direcção pelo trabalho bem intencionado e honesto que está a produzir e aceitamos como muito digna a atitude que assumiu, procurando defender o prestígio da Associação, infelizmente muito abalado por sucessos antigos.

Todavia a nossa maneira de ser, franca e sem ambiguidades, inibe-nos de recuar uma polegada que seja no trilho que traçamos. Atacamos quando há que atacar e uma consulta atenta deste jornal pode confirmá-lo. Infelizmente não podemos fazer outra coisa que não seja reafirmar o que foi dito na «Entrada em Campo» de nosso número 45.

Em tempos, após um jogo do Campeonato Regional, sem que qualquer inquérito fosse aberto, a Associação deliberou, de um dia para o outro, esta coisa simples: de hoje em diante não há mais jogos em Espinho. A menos que o arquivo daquela entidade esteja desorganizado, o exame da correspondência servirá para confirmar esta afirmação.

Noutra ocasião, quando era Presidente da Comissão Administrativa—é sintomática esta abundância de comissões administrativas—o senhor Dr. Virgínio Pereira, foram-lhe entregues umas fichas para inscrição de jogadores da Académica de modo a lhes ser possível jogar no domingo imediato. Pois, porque na altura só estava na Associação aquele senhor, os seus colegas recusaram-se a considerar válidas essas inscrições e tivemos que suportar uma falta de comparência. Nem a consideração ou, pelo menos, o espírito de camaradagem que devia ligar os dirigentes nos valeram.

Os nossos jogadores têm sofrido, na sua quase totalidade, castigos pesadíssimos que encontram muito poucos semelhantes nos outros clubes. Serão os nossos atletas os «mauzinhos da companhia»? Se são, porque não se acaba, de uma vez para sempre, com a raça? Irradiava-se tudo e era caso arrumado.

Por mais de uma vez, e ainda no decorrer do Campeonato Regional da época finda, solicitamos dos dirigentes associativos cópias de actas e outros documentos, ou a sua consulta para efeitos de nossa defesa em algumas sanções que entendíamos menos justas. Nunca foi possível obtermos qualquer cópia e, as mais das vezes, nem uma simples resposta. Apenas a actual Direcção consentiu a consulta do inquérito, anti-regulamentarmente concluído, feito ao jogo Académica-Académico.

Não discutimos decisões quando lhe conhecemos justiça, quando nelas vemos interesse um propósito honesto. Faltando-lhes estes predicados, consideramo-las irregulares e merecedoras da nossa crítica.

Dentro do pouco espaço de que dispomos, tentamos, e cremos tê-lo conseguido, responder ao ofício antes transcrito. Mais não poderemos fazer e esperamos que a Direcção da Associação de Oquei em Campo se considere satisfeita. A leitura da correspondência expedida pelas gerências que a antecederam tirará-lhe a quaisquer dúvidas que também poderão ser contestadas pelo seu Vice-Presidente, Eng.º Orlando Pais.

Maio / Junho / 1952

3

la

letras artes

Director: António Gaio

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "RUMO"

PINTURA

REMBRANDT

Este, coleccionador, solitário, arrastado pelo desenvolvimento de uma facilidade monstruosa, viveu, como o nosso Balzac, à maneira de mágico e de visionário, num mundo construído para si próprio e de que só ele possuía a chave. Superior a todos os pintores pela delicadeza e acuidade nativas das suas percepções ópticas, compreendeu e acompanhou em todas as suas consequências esta verdade: que, para o olhar, toda a essência de uma coisa visível está na *mancha*, que, além disso, a mais simples cor é infinitamente complexa, que toda a sensação visual é um produto dos seus elementos e, por outro lado, do seu ambiente, que cada objecto no campo visual nada mais é que uma mancha modificada por outras manchas e que, assim, a principal personagem de um quadro é o ar colorido, vibrante, interposto, em que as figuras estão mergulhadas como os peixes no mar. Tornou palpável este ar, mostrou a sua vida agitada e misteriosa; fez entrar nele a luz do seu país, luz débil e amarelada como a de um candeeiro numa cave; sentiu o doloroso combate que ela dá à sombra, o desfalecimento dos raios mais raros que vão morrer nas suas profundezas, as tremuras dos reflexos que se agarram em vão às paredes luzidas, e toda esta vaga população das penumbras, que, invisível ao olhar ordinário, parece, nos seus quadros e nas suas figuras, um mundo submarino entrevisto através do abismo das águas. Ao sair desta obscuridade, a luz total foi para os seus olhos uma chuva deslumbrante; sentiu-a como uma resplandecência de clarões, como uma iluminação mágica ou como um feixe de dardos. De maneira que ele encontrou no mundo inanimado o mais completo e expressivo drama, todos os contrastes, todos os conflitos, o que há de mais acabrunhante e de mais mortalmente lúgubre na noite, o que há de mais fulgente e de mais melancólico na sombra ambígua, o que há de mais violento e de mais irresistível na irrupção do dia. Então, nada mais teve a fazer que colocar sobre o drama natural o drama humano; um teatro desta forma construído designa por si próprio as suas personagens.

Do homem e da vida, os gregos e os italianos apenas tinham conhecido as realidades mais evidentes e mais eminentes, a flor são que se abre na luz; ele viu a raiz, tudo o que rasteja e se cobre de bolor na sombra, os abortos deformados e enfezados, o povo obscuro dos pobres, a judiaria de Amsterdão, a população suja e sofredora de uma grande cidade e de um mau clima, o mendigo cambaio, a velha idiota e vaidosa, a careca do artífice que já não pode trabalhar, a face empalidecida do doente, toda a buliçosa multidão das más paixões e das horrendas misérias que pululam nas nossas civilizações como vermes numa árvore apodrecida. Uma vez neste caminho, pode compreender a religião da dor, o cristianismo verdadeiro, interpretar a Bíblia como o teria feito um *lollard*, reencontrar o Cristo eterno, presente hoje como outrora, tão vivo num celeiro ou numa estalagem da Holanda como ao sol de Jerusalém, o consolador e o curandeiro dos miseráveis, o único capaz de os salvar, porque também é pobre e mais triste ainda do que eles. Ele próprio, por seu turno, sentiu a piedade; ao lado dos outros, que parecem pintores de aristocracia, ele é o povo; pelo menos, é de todos o mais humano; as suas maiores simpatias abarcam mais profundamente a natureza; nenhuma lealdade lhe causa repugnância, nenhuma necessidade de alegria ou de elevação

lhe esconde qualquer recesso da verdade. Eis porque, livre de quaisquer obstáculos e guiado pela excessiva sensibilidade dos seus órgãos, pode representar no homem não só a estrutura geral e o tipo abstracto que bastam à arte clássica, mas ainda as particularidades e as profundezas do indivíduo, as infinitas e indefiníveis complicações da pessoa moral, todo o sinal móvel que concentra, num momento, sobre uma cara, a história total de uma alma, e que só Shakespeare viu com tão prodigiosa lucidez. E', nisto, o mais original dos artistas modernos e forja um dos extremos da cadeia cujo outro extremo foi forjado pelos gregos; todos os outros mestres, florentinos, venezianos, flamengos, ficam no espaço intermédio, e quando, hoje, a nossa sensibilidade sobre-excitada, a nossa curiosidade incitada à perseguição das gradações, a nossa busca implacável do verdadeiro, a nossa adivinhação dos longes e das intimidades da natureza humana, procuram precursores e mestres, é nele e em Shakespeare que Balzac e Delacroix poderiam encontrá-los.

(In «A Pintura nos Países-Baixos», de H. Iainé)

LITERATURA

PROUST

Marcel Proust nasceu em Paris em 10 de Julho de 1871. Esta simples informação de antologia adquire especial significado quando relembramos os acontecimentos que marcaram 1871 — o «ano terrível».

Vejamos os antecedentes históricos.

Em 1848 surgiu o sópro de renovação que iria produzir agitações na Europa inteira. Até então o socialismo, que tinha ligações evidentes com o movimento romântico, apresentava-se sob forma idílica e arcádica. Os sistemas utópicos dos Owen, Fourier, Louis Blanc, Saint-Simon e demais derivavam em linha recta do enciclopedismo. Acreditavam eles que os homens, como criaturas racionais, em lhes sendo propostas as receitas salvadoras que tinham elaborado, aceitavam-las de bom grado. Estas idéias eram muito apreciadas pela sociedade romântica; as teorias utópicas estavam na moda.

Depois da dissolução do romantismo apareceu outra forma de socialismo, que a si mesmo deu o nome de científico. Aqui não se tratava mais da conversão intelectual, do progresso das luzes. A luta de classes era a base do siste-

MÚSICA

~ BEETHOVEN ~

A Oitava Sinfonia

Por fim a fantasia de Beethoven deu o seu maior e mais leve salto: dos vales e fontes, tempestades e chuvas da Pastoral, atingiu o Olimpo de um só salto. A Oitava Sinfonia, que vem logo após a Sétima, engana completamente as pessoas. É a mais curta e mais brilhante de todas, movendo-se em passos leves como nenhuma outra obra de Beethoven. Terminada rapidamente, com uma facilidade quase Mozartea, é um verdadeiro milagre de terna elegância e de azul mediterrâneo. Se se completa o retrato de Beethoven enquanto se ouve essa sinfonia, mal se chega a compreender como os sonhos desse artista se podiam elevar a tais limites do sentimento humano.

Com um princípio mais radiante do que qualquer outra de Beethoven, recebemos o aviso: Hoje estão todos convidados ao Monte Olimpo! Fiquem calmos e prestem atenção pois isso será algo digno de ser visto! E, realmente, o próprio Zeus está sentado em seu trono de nuvens. Ele está num estado de espírito real. Um enxame de querubins voa para ele, enquanto o trovão rebôa por entre os céus ensolarados. Zeus sorri para as crianças. Estas dançam e brincam em

sua frente, cortejam-no e o arrelham. Então alguns deuses, com os seus passos enormes, tentam dançar. Ouve-se uma voz sombria, misteriosa; talvez seja *Moirá*, o Destino a quem os próprios deuses estão sujeitos, e perante quem eles agora cedem, sem lutar.

No segundo movimento os deuses descem disfarçados à terra para assistir ao festival dançante de uma aldeia. Não se dão a conhecer; sorriem apenas; mas os dançarinos mortais se assustam com a presença dos deuses invisíveis. A dança diminui de intensidade; os mortais ouvem e estacam. Tudo é orquestrado de uma maneira fantasmagórica, como no «Sonho de uma Noite de Verão».

No terceiro movimento, somos de novo erguidos ao azul do Olimpo e ao reinado dos seres sobre-humanos. Quando um dos deuses se recorda dessa melodia mortal, ela atinge um climax com a entrada das trombetas. Prevelem os ritmos fortes, os deuses parodiam uma espécie de minueto e se divertem imitando os mortais. Talvez sejam as três Graças que vêm apresentar seus cumprimentos durante o Trio, romântica e ardentemente, provocando risos abafados de todos os lados.

No último movimento aparecem as bacantes. Esse trecho é enriquecido por leves e macias figuras surpreendentemente ricas e raras, como nuvens brancas vistas de um aeroplano, que nos dão a impressão de estarmos tão perto do céu que o nosso coração chega a se imobilizar. Nesse último movimento da Oitava Sinfonia há passagens pianíssimo de um êxtase jamais atingido. A procissão báquica prossegue entre murmúrios baixos e macios, e sons altos, marcantes. Súbitamente torna-se agudo e sensual como uma pintura de Rubens. Então o *Festival de Vénus* volta a se eterealizar completamente. Se um só violino tenta mudar o tom geral por uma passagem em clave menor, é posto de lado por um coro que redobra de intensidade. Zeus está do lado dos celebrantes; de quando em quando se ouve a sua risada homérica.

Em meio do movimento, começa um pavor báquico, no género dos que encontramos em vasos gregos e nos costumes delficos. Os timbales soam, primeiro brandamente, depois mais alto. Os contra-baixos imitam-nos de uma maneira caprichosa; há um soar estridente dos instrumentos da bacanal, até que os timbales recomeçam, como se o artista olímpico não pudesse suportar a ideia de partir e procurasse dominar o mundo mortal. Finalmente, nada mais resta; tristes e perplexos, notamos que os céus se fecharam.

Continua na pág. 6

(In «Beethoven», de Emil Ludwig)

“In Memoriam” ...

Tenho alguns amigos, feitos de há razoavelmente longa data... Considero-os como amigos e como tal a minha consideração por eles é bastante reduzida... São objectos com os quais tenho que colidir por vezes...

Mas já então, com uma certa preocupação de intelectualoide, convencido que o mundo era meu e os homens conhecidos, «os amigos» foram sempre para mim meros paliativos e motivo de aborrecimento...

Viciado, desiludido, ensinado e céptico eu só conhecia os amigos... «os meus amigos»!

...E por isso mesmo eu só desejava conhecê-los tal qual eles eram... solenemente hipócritas, sonâmbulos e aflitivamente burgueses: emprestando dinheiro numa aflição brejeira, acamaraando numa orgia... reprovando depois como mestres escolas, envenenando após como Judas heróico.

Paulatinamente foi decorrendo a minha vida... sem problemas de aflitiva urgência, permitindo-me, por isso mesmo, a necessária indiferença e calma perante quem ia conhecendo!

De repente fui forçado a atentar: tive a impressão — posteriormente confirmada — de estar conhecendo um Homem, não um amigo...

Simplesmente um Homem! Não falava muito... sòmente o necessário!

Dizia só o que vinha a propósito, nada a mais ou a menos.

«Era cáustico por honesto! Era probo por convicção! Era solene por temperamento!

Era verdadeiramente um Homem! Eu conheci-o e apreciei-o com todo o meu cepticismo e deslealdade!

E provei-o... Sim, eu provei-o! Opinou com justiça e sem aleivosia, sempre de peito à frente... antes de qualquer outra parte do corpo... o peito! — Dizem ser a parte mais vulnerável do organismo humano!

Doente, miseravelmente doente, mantinha-se o mesmo: rectilíneo, o melhor, o único; o que defendeu o Mal por julgá-lo o Bem, o que enterrou algo por o considerar estrume!

Fracassou como psicólogo... Defendeu causas consideradas perdidas... Mas, a sua vontade, o seu espírito de justiça, o seu Eu, eram polidimensionais.

Ele acreditou sempre no que lhe ofereciam... via fruto verde na tâmara tostada por querer que a lama só existisse no inverno...

Ele era um sol e morreu... Nunca me disse que era meu amigo...

Ele era um Homem e por isso defendeu tudo...

Poucos o defenderam e por isso mesmo poucas foram as lágrimas que lhe adoçaram a cova...

Mas Ele... «sem nunca me ter dito que era meu amigo» será sempre o meu exemplo e a minha saudade!

Cochise



Amigos...

Causou certa discussão a afirmação feita em público, no espectáculo generosamente oferecido à Académica pelo Orfeão de Espinho, de que a A. A. E. tem poucos amigos. Alegou-se que isso não era verdade, pois o aspecto da casa era de certo modo agradável; alegou-se que tal era uma afirmação deselegante para com os presentes; alegou-se que, ao contrário da afirmação feita, o clube tem muitos amigos.

Será assim? Conhecendo o meio, sabendo das dificuldades que se opõem ao desenvolvimento da Académica, respondemos afoitamente e em maiúsculas: NÃO!!!

Quando há amigos, não é necessário bater-lhes à porta em busca de auxílio. Eles apresentam-se voluntariamente a oferecer o seu apoio. Eles entregam-se de alma aberta e sincera a corresponder ao apelo apenas esboçado.

A não ser que amizade signifique indiferença, alheamento, falta de colaboração. Será amigo aquele que, instado para adquirir um bilhete para o Sarau, inventa mil e uma razões de escusa? Amigo, talvez, mas de Peniche ou da brasileiríssima onça do Péricles.

Quem teve a tarefa tremendamente ingrata de andar de rua em rua, de porta em porta, a pedir a esmola da compra de um bilhete, sabe muito bem o que encontrou. Houve muitas pessoas que, imediatamente, se puseram ao seu dispor, abrindo-lhe a casa e a carteira. Mas muitas, muitíssimas mais foram as que se recusaram. Uns iam fazer uma viagem, outros tinham chegado de uma viagem, uns no dia do sarau estavam em reunião familiar importantíssima, outros, depois de aceder e mandar marcar bilhetes, ordenavam a sua desmarcação, desaparecido da sua frente o indivíduo a quem não tinham podido dizer que não. O estendal de recusas e as explicações que para tal eram dadas fizeram recear que Espinho nesse dia estivesse despovoado e reduzido a uma população de umas trezentas pessoas, as que assistiam ao espectáculo e os elementos do Orfeão.

Por esses amigos luta o Diabo que a ele pertencem.

A afirmação é ou não cheia de cabimento? Podem aqueles que

Das carapuças...

Não, amigo leitor, não vamos falar daquelas carapuças que enriquecem o nosso folclore. As «carapuças» em questão não passam da imagem vulgar que pretende definir um sentimento de culpa. O seu uso depende de circunstâncias diversas e, sobretudo, da melhor ou pior afinação da consciência.

Enfiar uma «carapuça» não é nada agradável porque nos destaca sobremaneira dos outros de cabeça descoberta ou portadores de chapéus mais ou menos uniformes. É assim é que vemos os encarapuçados calarem-se, forçando o silêncio, procurando o esquecimento, ou a gritarem, gesticulando, querendo arremessar para longe aquilo que lhes assenta muito bem. E' nestas reacções que se verifica o valor das consciências e do nível da inteligência.

A acusação pode ameaçar vários mas os inocentes separam-se mercê da serenidade, da certeza de que a questão não é com eles. A dúvida, a ânsia de ver noutros as incómodas «carapuças», indicam uma agitação suspeita.

Ao fim e ao cabo a questão está em ser ou não ser. Se é culpado deve enterrar a «carapuça» até às orelhas. Se não tem nada a ver com o assunto, passa adiante, tranquilo e digno.

Alguns artigos do último Rumo causaram borborinho e interrogações. Ninguém devia duvidar da justiça do que se escreveu.

Este caso de consciência era de fácil solução. Os que sentissem culpas baixavam a cabeça e os de ânimo limpo continuavam o caminho, tranquilos e despreocupados.

Muito simples, na verdade, esta questão de carapuças a mais ou a menos.

a ouviram sentir-se atingidos e melindrados? Só se não compreenderem que ela não era dirigida às escassas pessoas que estavam no S. Pedro mas sim à multidão de espinhenses que, por fás ou por nefas, primou pela ausência.

A Académica não é nem nunca foi ingrata para quem lhe fez ou faz bem. Agradece a quem deve mas não deixa, pela franqueza que norteia as suas actividades, pelo procedimento honesto e justo que adopta, ficar em branco os odiosinhos, as antipatias, as más vontades que lhe pretendem dificultar a vida.

OS HAVERES DA ACADÉMICA ESTÃO SEGUROS NA

COMPANHIA DE SEGUROS

SOBERANA

LISBOA * PORTUGAL

Delegação no Porto: R. RODRIGUES SAMPRIO, 169-2.º

Sê bom assinante de
“Rumo”
 angariando assinantes

Livros de VERSOS

«E' El-Rey que vai à caça»

Poemas de FAUSTO JOSÉ

Fausto José é simultaneamente um grande poeta e um grande caçador. E' aquilo a que se pode chamar um homem de mente às musas dado, e de perna feita às rudes caminhadas por fragas nuas e por barrancos.

A sua revelação como poeta vem dos bancos de Coimbra, onde se fez doutor, e onde teve papel de relevo na geração que deu à luz a «PRESENÇA». Com José Régio, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, Miguel Torga, e outros rapazes de valor, Fausto José soube marcar a sua personalidade. Presencista de alma e coração, foi um lutador nobre e elegante dentro da falange a que pertenceu, e com «Fonte-Branca», «Planalto», «Remoinho» e «Síntese» seria injusto não o colocar em lugar de honra ao lado dos seus camaradas mais brilhantes, porque a sua poesia é bem a poesia dum poeta de real valor.

Agora, depois de nos ter dado há seis anos a embaladora ternura de «Dona Donzela Senhorinho», dispara-nos este tiro poético de «E' El-Rey que vai à Caça...», e obriga-nos a ir com ele:

«Por charnecas tristes, montes escavados...
 «Pelos mais fragorosos, rudes, alcantis...

E nós, quase sem querer, lá vamos atraz dele—do caçador e do Poeta—à caça dalguma coisa nova que se veja. E de facto coisas novas vão surgindo em cada poema, na forma e no geito com que nos são contadas:

—Estrela que, pela altura,
 Mais se aviva e resplandece
 De mais perto nos sorri
 Quanto a noite é mais escura...

E noutra passagem dum poema:

Sobre os montes escavados
 Fecha-se a noite roturna
 Como a tampa duma urna.

«E' El-Rey que vai à Caça...» um livro curioso, um livro encantador que se lê a sorrir e a sonhar. De muito bom gosto as vinhetas de Carneiro, focando alguns episódios de caça, e entre elas a do «Pombo da Rocha», fraga alcantilada que um pombo domina, impassível, como rei daquelas doiradas e bravias solidões do Alto Douro, nas redondezas de Armamar, terra do Poeta.

Fausto José:— Bem haja pelo seu livro, e cá o espero para lhe apertar esses ossos em paga do prazer que me deu com a sua leitura.

Pedro Manoel



... E VINTE ANOS DEPOIS...

Continuado da pág. 1

ral, de «O Século», Oliva Teles, Carlos Cruz o fotógrafo artista, sempre pronto com a sua objectiva, etc., tantos, tantos que, então, tão denodada e desinteressadamente — por vezes mesmo com sacrifícios pessoais — nesses bem bons tempos meteram ombros à gigantesca empresa de tornar *Espinho* mais conhecido ainda em toda a parte, deviam e devem ter hoje quem, talvez com mais propriedade, com mais sentir — pois são já Espinhenses nados e criados neste «Jardim à Beira Mar plantado» — possa acordar novamente o desejo de trabalhar e de engrandecer, muito mais ainda *Espinho*.

São muitos ainda aqueles que não esqueceram as grandiosas Festas a S. Tiago, em honra da Colónia Espanhola, que, durante oito dias consecutivos, animaram esta Terra; que não esqueceram os Torneios de Tiro aos Pombos, as Ginkanas de automóveis, as Batalhas de Flôres, os Arraiais Minhôtos em benefício dos que necessitavam, as Festas da Aviação e Nossa Senhora do Ar, as Festas a Nossa Senhora da Ajuda, as Corridas de Toiros, a animação dos Bailes no *Espinho Club*, a que Almeida Cruz, com a sua excelente orquestra, deu vida, executando entre muitas, a canção, então em voga:

«Iricanas de chinelinho a dar ao pé

Iricanas como as de Aveiro sem igual»

Vivia-se, é certo, num ambiente de conflitos contínuos entre a Empresa Concessionária do Jogo, e um grupo de pessoas que outra coisa não fez nem tem feito em *Espinho*, senão defender os seus interesses pessoais, como, mais tarde, reconheceu a maioria dos que acompanhavam esse grupo. Mas *Espinho* vibrava! *Espinho* espalhava por toda a Península e pela Europa, pôde dizer-se, a fama dos seus encantos naturais, a fama das suas diversões continuadas, que atraíam, tendo sido cognominada, a Praia da *Costa Verde*.

Desse grupo de então, que aos poucos se foi desagregando, já pagaram o seu tributo à Vida, o João do Norte, jornalista e poeta de talento, que, como poucos, cantou *Espinho*; o Jacinto Vaz, alma de eleição, amigo dos seus amigos, amigo como poucos e sem exibicionismo, da sua terra! O Jacinto Vaz que foi o traço de união entre a Comissão de Propaganda e Festas de *Espinho*, e o hoje Coronel da Aeronáutica, António Dias Leite, Governador Civil de Aveiro, para que tivesse realização a aterragem dos primeiros Aviões em *Espinho*, num campo ocasional, e que fez nascer aquele de que resultou o que agora vemos (cabe aqui dizer-se que *Espinho* tem ainda, em aberto, uma dívida de gratidão para com este distinto Oficial de Aviação); Eurico Pousada, o dinâmico, o incansável obreiro, que tendo, noutros tempos, presidido ao Município de *Espinho*, nem os revezes políticos e desgostos levaram

a deixar de prestar a sua colaboração a todos os empreendimentos de que resultasse o engrandecimento de *Espinho*; o Isolino de Barros, o velho Faustino! Descansam já no sono eterno, mas recordá-los é prestar-lhe póstuma mas merecida homenagem!

Dos que restam hoje e a quem chamam, parvamente, «vivos mortos», quando ainda podem dar lições a muitos desses vivos d'agora, em nenhum se apagou, creio-o bem, a ideia de que *Espinho* virá a ser, ainda, mais e muito mais do que é.

Têm passado pelas cadeiras do Município de *Espinho* pessoas de valor moral e mental, que fizeram por esta terra quanto lhes foi possível, no sentido de a fazer progredir mais e mais, mas — triste é dizê-lo — também passaram por ali, e têm-se mantido, quase anónimos que nada produziram, nada fizeram, pelo que nem saudades deixaram, nem deixarão, quando assim fizerem.

Espinho, vivendo em ansiosos de altos vãos, vê com mágoa a separação dos bons elementos, e o receio da má compreensão de muitos, faz com que alguns dos novos se não abalancem a cometimentos de vulto, que, embora de grande alcance, possam ser apuçados pelos sempre descontentes que só sabem demolir.

Elogiam homens, sem motivo. Esquecem e criticam aqueles que tanto fizeram!

«*Espinho* em 1940» podia ser hoje, na verdade, já uma realidade!

Aquele «sonho» podia ter um lindo despertar, mas... vamos vivendo e sonhando.

Algumas aspirações são já uma realidade; porém para o que se esperava faltou o ânimo, faltou o incitamento. Faltou a ajuda daqueles únicos a quem o *Turismo* mais interessava, e que se encerram, na sua torre de... fichas, bailarinas, prostituição e vício! Faltou a insistência e a révanche que iria até ao obstrucionismo, se tanto fosse preciso!

Faltou ainda quem, com autoridade, com insistência, soubesse bater o pé aos magnates da C. P., onde um estado maior suga uma grande parte dos seus rendimentos, sem produção de maior, para que esta, sem demora tratasse da mudança das suas instalações para o local em que há muito já deviam estar, deixando de estrangular *Espinho* com as inúmeras «cancelas» que não dão contínuo vasão aos que, vindos de nascente, queiram deliciar-se à beira mar, para que esta demolisse os casinhotos e barracões inestéticos que orlam a nossa melhor Avenida, empesando-a de dejectos de animais, prestando-se a obscenidades impróprias do local onde existem bem frequentados estabelecimentos, onde residem famílias distintas.

E' uma verdade que *Espinho* tem vivido só de promessas, no que diz respeito à mudança das

Tribuna da Direcção

MARÇO E ABRIL

Durante estes dois meses, reuniu a Direcção da Associação Académica seis vezes, com a comparencia da grande maioria dos seus elementos efectivos e suplentes.

Foram aprovados como sócios os Senhores Adalberto dos Santos Bodas e Carlos Nogueira.

Resumo dos assuntos mais importantes:

Como é do conhecimento dos Senhores Associados, mais uma vez a Direcção do Club organizou o banquete de confraternização para os seus associados, que decorreu pleno de entusiasmo, muito embora os sócios não tenham correspondido, na sua maioria, com a sua presença, numa demonstração iniludível do seu alheamento às grandes manifestações de unidade clubista. O caso não estaria mau de todo, por este lado, pois os poucos que apareceram puderam, com a sua simpática presença, substituir os faltosos, mas o pior é que, após as contas feitas, verificou-se, com certa arrelia, que a tesouraria do Club teria de suportar um prejuízo de Esc. 1.500\$00, aproximadamente, a fim de cobrir o saldo negativo que as mesmas apresentaram. Dadas as dificuldades sempre existentes num club que sustenta com estoicismo uma meia dúzia de modalidades das chamadas «pobres», que não dão receitas de qualquer espécie, antes pelo contrário proporcionam despesas obrigatórias com inscrições dos atletas, deslocações, e equipamentos, etc., este déficit de agora veio apertar ainda mais as dificuldades com que sempre se têm debatido as Direcções do club, de há uns anos para cá.

Num gesto notabilíssimo, a Direcção do Orfeão de *Espinho* veio até nós oferecer a sua cooperação num espectáculo a favor dos nossos cofres, o qual se efectuou em 29 de Maio. Se bem que o resultado financeiro não seja de molde a podermos resolver os

instalações ferroviárias, e assim vai vivendo até que o mar que tão traçoeiro tem sido, roubando vidas e haveres de quem não merece, se encha de brio e num arremesso violento, atire com aqueles carris e pertences para onde devem ficar.

Espinho tem hoje a sua *Espanhada* à Beira Mar, que, graças ao Governo de Salazar, Homem que há tantos anos vem governando com inegalável aprumo, saber e sacrifício, os destinos de Portugal, é hoje a sua sala de visitas;

Tem as suas instalações de Aguas e Saneamento quase concluídas, facto este que muito e muito contribui para higienizar e modernizar *Espinho*;

Tem os seus arruamentos bem lançados, sempre vistosos e cuidados; tem o seu Jardim; tem o soberbo edificio da Piscina Solá-

assuntos mais urgentes, pois pouco mais deu que Esc. 2.000\$00, de qualquer maneira o gesto camarada do simpático Orfeão calou bem fundo no nosso íntimo, e desta tribuna só nos resta lançar-lhe um acêno de simpatia, com os desejos mais sinceros duma vida futura cheia de bons resultados artísticos, com a promessa de que podem dispôr da Académica, sempre que os seus préstimos sejam necessários.

Acaba a Direcção de aprovar a criação duma nova secção desportiva, o Xadrez, que por certo irá entusiasmar todos os nossos associados que têm verdadeira paixão por tal jogo. A frente da secção foi colocado o Snr. José Pereira dos Santos, que, com a ajuda preciosa de seu primo o Snr. Manuel Baptista, irá certamente, num futuro próximo, desenvolver a modalidade duma forma tão positiva, que não custa a acreditar que o Xadrez irá ter, finalmente, em *Espinho*, a consagração definitiva que bem merece. Todos os Senhores associados que se desejem inscrever, deverão avistar-se com qualquer um dos Senhores acima indicados.

Foi um êxito a conferência do Senhor Felisberto Ferreirinha. Outra coisa não seria de esperar, dadas as qualidades de que este Senhor tem dado provas em diversos ensaios de sua autoria. Justos, pois, os aplausos que escutou no fim da leitura do seu trabalho, que foi feita pelo Director do Rumo, Senhor António Ferreira Gaio. Daqui lhe agradecemos com a maior simpatia o seu interesse pelas actividades da Juventude Espinhense, não nos esquecendo, porém, de lembrar o nome do Snr. Dr. Nunes das Neves, que em magnífico improvisado fez a apresentação do conferente, e para quem, também, vão neste momento os nossos melhores agradecimentos.

Continua na pág. 9

rio, um dos mais modernos da Península; tem o Teatro S. Pedro, de construção moderníssima e elegante, que um grupo de amigos da sua terra levantou e que João Barbosa dirige com acerto; tem o belo campo de Jogos do Sporting Clube de *Espinho*, etc.

Tem finalmente uma pleiade de novos, cheios de saber e vida, e tem o seu único bom jornal *Rumo*, que, com feição mais ampliada, poderá elevar *Espinho* ao lugar que merece e que por direito de conquista lhe pertence.

Mas a *Espinho*, presentemente, falta-lhe quem saiba fazer *Turismo*.

Faça-se pois a união de todos os bons valores, deixem-se zangas sem importância e vamos a isto. Todos unidos e isto irá.

Assim, ainda poderá acontecer podermos ver «*Espinho* em 1940», antes de 1960.

Mário de Oliveira

PROUST

Continuado da pág. 5

se formulassem todas as aspirações, na esperança que do seu entretimento que saísse a fórmula salvadora. (Lembra-me agora o discurso de Mr. Bergeret, em Paris, a respeito da liberdade de imprensa — querendo-a total, mesmo quando absurda e suscitadora de distúrbios).

Não só as reivindicações coletivas como também as tendências individuais se revelaram. A sexualidade longamente recalcada pôde aflorar à consciência, mesmo sob as formas mais condenadas pela sociedade, desde que se revestissem de disfarces mais ou menos evidentes. Tendo perdido contacto com as forças espirituais, quebraram-se tôdas as normas que limitavam o homem. Como dizia o velho Karamazoff, se Deus não existe, tudo é permitido.

Neste possante fervilhar de massa que leveda as classes dirigentes perceberam, como através de antenas subtis, que as possibilidades de se inscreverem numa ordem eterna, não residiam mais no campo das realidades concretas. Passara o seu momento histórico. Daí a fuga ante o real, que se fazia por tôdas as formas.

Da derrocada total salvara-se, entretanto, a arte. Só ela era sagrada e inatacável. Único ideal subsistente, a beleza artística tornou-se receptária da vaga ânsia de elevação, que não pode morrer no homem. Em seu nome, tudo se justifica. Tôdas as depravações, crimes mesmo, são defendidos, desde que apareçam dourados com seu prestígio. O renome artístico, como vemos na obra proustiana, é título que abre as portas dos salões mais fechados. Com o wagnerismo, então, atingimos verdadeiro estado de espírito religioso. A peregrinação a Bayreuth era acto ritual de significado idêntico ao que tinha, para o maometano, a viagem à Meca. Mais do que isso, pretendia substituir a vida pela arte, único pôrto contra as violentas tempestades que se preparavam.

Toda a sua existência, Proust iria vivê-la nessa sociedade. Sua obra inteira está marcada por ela, é em grande parte o produto dela. Grande número de suas idéias e tendências, êle as exprimiu claramente. Foi a mais interessante manifestação artística desse momento. Porque os grandes escritores do período, Loti, Anatole France, Mirbeau, Jean Lorrain, Huysmans, limitavam-se a apresentar uma tentativa de evasão, um aspecto doentio — os países exóticos o refúgio na inteligência cética, o sadismo («Le Jardin des Supplices»), as obsessões, as drogas, os vícios de toda a espécie («Mr. de Phocas»), as missas negras («Là-Bas»), o culto das sensações (des Esseintes, que seria o barão de Charlus de

Si tomas por medio a la virtud y te precias de hacer hechos virtuosos, no hay para que tener envidia a los que nacieron príncipes y señores; porque la sangre se hereda, y la virtud se aquista, y la virtud vale por sí sola lo que la sangre no vale.

CERVANTES
Don Quijote de la Mancha

ANTOLOGIA

O IMPERADOR FILÓSOFO

Falam os Mestres

Seis anos antes da morte pôs-se Marco Aurélio em sua tenda de campanha a fixar os pensamentos sobre a vida humana e o destino. Não podemos ter certeza de que o *Ta eis heauton* — «para si mesmo» — tivesse em vista publicação; talvez que sim, porque até nos santos há vaidade, e nos maiores homens de acção há momentos de fraqueza em que aspiram escrever um livro. Marco Aurélio não tinha traquejo de actor; a prática que Fronto lhe dera de nada lhe valeu porque concretizou seus pensamentos em grego; ademais esses «Pensamentos de Ouro» eram escritas nos intervalos de viagens, batalhas, revoltas, e muitas tribulações; temos de perdoar-lhe o desconexo, o informe, as repetições e às vezes o tedioso. Mas o livro é precioso pela essência — sua ternura e simplicidade, semi-consciente revelação dum pagão-cristão, duma alma medieval.

Como tantos autores do seu tempo, Marco Aurélio não considerava a filosofia como a especulação do infinito e sim uma escola de virtude e norteio de vida. Não se preocupa de formar a sua ideia sobre Deus; às vezes fala como um agnóstico, reconhecendo que nada sabe; mas depois de o admitir, aceita com singela piedade a velha fé tradicional. «De que me vale», diz ele, «viver num universo sem deuses ou Providência?». Ora fala da deidade no singular, ora no plural, com toda a indiferença do Genesis. Em público faz preces e sacrifícios aos deuses, mas em particular é um panteísta profundamente impressionado com a ordem do cosmos e a sabedoria de Deus. Revela o senso indiano da interdependência do homem e do mundo. Maravilha-se do crescimento da criança nascida de minúsculo germen, da miraculosa formação dos órgãos, da força, do espírito, das aspirações, tudo mantido com um pouco de alimento. Crê que se pudéssemos compreender encontraríamos no universo a mesma ordem e poder creador que encontramos no homem. «Todas as coisas se ligam entre si, e o liame é sagrado... Ha uma razão comum em todos os seres inteligentes; um deus penetra todas

«A la Recherche du Temps Perdu»; na vida real o conde Roberto de Montesquiou-Fézensac) Proust sintetizou todos estes fenómenos estranhos, iluminados pelas fosforescências da decomposição de um organismo social que agoniza. E' o cronista da decadência. O caracter especial do seu tipo de fuga não o impede estudar a sua época. E de tal modo aprofundou-lhe a análise, que acabou dissolvendo-lhe todos os conteúdos reais. Por isso é que sua obra é tão preciosa, não só como expressão do indivíduo, mas como filme fiel da sociedade em que viveu.

Mas além da face documental e estética, de valor indiscutível e cuja importância cada vez mais aumenta, existem as idéias, o substrato filosófico da obra. Até que ponto, também, sua filosofia foi o produto mórbido do momento histórico? Que valor pode ter para nós, moços, como inspiradora de posições? Que de verdade se contém nela?

No instante em que esse período foi definitivamente ultrapassado e em que a Europa se agita lançada à procura de uma verdadeira ordem nova, seria interessante, apesar da proximidade tirar a perspectiva e do imenso vulto da obra não permitir visualizar bem todos os seus aspectos, tentar definir a posição deste génio singular, avaliar seu valor literário e filosófico, compreendê-la e fixar a atitude a ser adotada em face dos problemas que suscitou.

(In «PROUST», de Ruy Coelho)

as coisas — uma substância, uma lei, uma verdade... Poderia uma ordem clara subsistir em nós ao mesmo tempo que a desordem do Todo?».

Admite a dificuldade de reconciliação do mal, do sofrimento, do infortúnio imerecido, com uma boa Providência; mas não podemos julgar dum elemento ou dum acontecimento no esquema das coisas sem ver o todo; e quem pretende conhecer a perspectiva total? E' insolência nossa, e grotesca, pretender julgar o mundo; a sabedoria está em reconhecer as nossas limitações, em procurar harmonizar-nos com a ordem universal, em tentar sentir o Espírito atrás do corpo do mundo e com ele cooperar voluntariamente. Para quem chega a esta conclusão, «tudo quanto acontece, acontece justamente» — isto é, segundo o curso da natureza; nada que está de acordo com a natureza pode ser mau; tudo que é natural é belo para quem compreende. Todas as coisas são determinadas pela razão universal, a inerente lógica do todo; e cada parte deve alegrar-se com o seu modesto papel e o seu fado. «Equanimidade» (a palavra de senha de Antonino moribundo) «é a voluntária aceitação das coisas que nos são designadas pela natureza do todo.»

Tudo que harmoniza contigo também harmoniza comigo, ó Universo! Nada que contigo está em tempo, é muito cedo ou muito tarde para mim. Tudo que tuas estações trazem, ó Natureza, é fruto para mim. De ti saem todas as coisas, em ti estão todas as coisas, para ti voltam todas as coisas.

O conhecimento só tem valor como instrumento da vida perfeita. «Que, portanto pode dirigir um homem? Uma só coisa — a filosofia — não como jogo de lógica, mas como o contínuo exercício da excelência moral. «Sê firme, ou faze-te firme. A cada homem deu Deus um *daimon*, um espírito guiador — sua razão. A virtude é a vida da razão.

Estes são os princípios da alma ra-

cional. Ela perpassa todo o universo e superintende sua forma, e projecta-se na infinidade do tempo, e abarca a renovação cíclica de todas as coisas, e compreende que os que vão vir depois de nós nada verão de novo, como os que vieram antes nada viram mais que nós; mas de certo modo quem chegou aos quarenta anos, se tem boa compreensão, viu, em virtude desta uniformidade, todas as coisas que foram ou serão.

As premissas de Marco Aurélio conduzem-no ao puritanismo. «O prazer não é nem bom nem útil. — e renunciando a carne e todas as suas tentações ele fala às vezes como Antonio da Tebaida:

Observa quão efémeras e sem valor são as coisas humanas, e como o que ontem era muco insignificante se faz amanhã múmia ou pó... Pequeno é o espaço de vida do homem, e com quantas aflições está cheio... e com que fraqueza de corpo tem que ser passado!... Volta-o de dentro para fora e vê que espécie de coisa é.

A mente deve ser uma cidadela livre dos desejos corporais, das paixões, da cólera ou do ódio. Deve de tal modo absorver-se em seu trabalho que dificilmente perceba as adversidades da fortuna ou as farpas de inimidade. «Cada homem vale tanto quanto as coisas com as quais se ocupa.» Relutantemente o filósofo concede que haja homens maus neste mundo. O meio de lidar com eles é tendo em conta que são imbeles vítimas de seus próprios defeitos, por força do determinismo da circunstância. «Se um homem te faz mal, o prejuízo é dele; teu dever é perdô-lo». Se a existência do homem mau te entristece, pensa nas muitas pessoas boas que encontraste, e nas muitas virtudes que se misturam num caracter imperfeito. Bons ou maus, todos os homens são irmãos ou irmãos num Deus; mesmo o mais rude bárbaro é o cidadão da pátria a que todos nós pertencemos. «Como Aurélio, tenho Roma como minha pátria; como homem, minha pátria é o mundo.» Será isto uma filosofia impraticável? Ao contrário, nada é tão invencível como uma boa disposição, se é sincera. Um homem realmente bom nada tem a temer do infortúnio, porque ainda que todos os males lhe caíam em cima, sua alma fica.

Impede-te o mal que te acontece de ser justo, magnânimo, temperado, prudente... modesto, livre?... Supõe que os homens te amaldiçoam, te matam, te picam em pedaços: podem essas coisas impedir teu espírito de permanecer puro, alto, sereno e justo? Se um homem pára diante duma fonte e a amaldiçoa, nem por isso a água límpida cessa de fluir; se nela lança ele imundície, rapidamente a linfa a arreda e continua impoluta... Sempre que te sobrevier desgraça, lembra-te de aplicar este princípio: que isso não é infortúnio, mas que suportá-lo com nobreza é uma grande ventura... Bem pouco valem as coisas, de modo que o homem que as suporta vive uma vida que flue calma como a existência dos deuses.

A vida de Marco Aurélio, entretanto, não fluiu calmamente; tinha de matar os bárbaros da Germania enquanto escrevia o seu Quinto Evangelho, e no fim enfrentou a morte sem o consolo da esperança no filho que o iria suceder — e sem esperanças além túmulo. Alma e corpo voltam aos seus elementos originais.

Porque como a mutação e dissolução dos corpos abre caminho para outros corpos condenados a morrer, assim as almas que deixam o corpo depois da existência terrena transmitem-se e difundem-se... na inteligência seminal do universo e abrem caminho para novas almas... Exististe como parte; desaparecerás naquilo que te produziu... Isto também a natureza quer... Passa, então, através deste pequeno espaço de tempo que é tua vida sempre de conformidade com a natureza, e termina teus dias contente, como a azeltona que cai da árvore quando madura, abençoando a natureza que a produziu e agradecendo à árvore na qual cresceu.

(In «Historia da Civilização», de Will Durant)

POESIA

Quando eu
morrer...

Quando eu morrer,
que o meu túmulo seja o mar!
Não quero flores nem rezas,
nem quero ouvir chorar.

Quando eu morrer...
(ninguém se lembre de mim!)

Que as algas e os corais
sejam o enfeite da minha
[campa;
que uma gaivota cinzenta
adeje em meu redor

Quando eu morrer...
que a marcha fúnebre
seja o silêncio profundo
dos abismos

cortado pelas vozes dos Poetas
afogados.

Quando eu morrer...
Não quero flores nem rezas,
nem quero ouvir chorar.

Mas quero que o meu túmulo,
seja o abismo do mar.

Quando eu morrer...

Luis Oliveira de Andrade

TRIBUNA DA DIRECÇÃO

Continuado da pág. 7

A actividade do club, está mais ou menos paralizada, neste momento, no que respeita aos desportos. Se exceptuarmos o Volei, que está em franca actividade, as restantes modalidades desportivas do Club quase cessaram a sua actividade nesta época. O Hoquei em Campo, o Ténis de Mesa, com os campeonatos já terminados e com classificações modestas. O Hoquei em Patins paralizado enquanto não principia o Campeonato Regional do Porto, o qual só deve ter o seu início após o Campeonato do Mundo da modalidade, ou seja para meados de Julho.

A nossa equipa de Volei tem tido actuação mais ou menos equiparada às das últimas épocas, ou seja: irregularidade de exhibições, alternando-se os jogos bons com os maus. E' pena ver uma equipa como a nossa, recheada de bons elementos individuais, mas com conjunto tão irregular. Confiamos, porém, nos rapazes que estão à frente da Secção, bem como no orientador técnico, de forma a no futuro vermos desaparecer, com profunda satisfação nossa, certas anomalias existentes. Aos jogadores, porém, cabe o principal papel, pois devem colaborar o melhor possível, quer treinando o maior número de vezes possível, quer acatando os conselhos proveitosos dos mais experientes e sabedores.

*

AVISO — Como dentro em breve principia o campeonato de hoquei em patins, será de toda a conveniência que os Senhores Associados se interessem pela aquisição do cartão de associado, salvo aqueles que já o têm, pois a Direcção deseja evitar os inconvenientes das épocas findas, uma vez que os porteiros nos jogos oficiais serão fornecidos pela Associação Regional, e trazem ordens expressas de só permitirem

Benvindos sejam

O espirito arrojado dos componentes da Secção de Pesca Desportiva do Sporting Club de Espinho deu origem à organização do Torneio Internacional de Espinho que se realizará em 20 de Julho.

Estarão, pois, entre nós, nessa data, desportistas nacionais de diversos pontos da Metrópole e ainda alguns vigueses, que tão fidalga recepção souberam prodigalizar aos concorrentes portugueses que ao Norte de Espanha foram disputar o Torneio da Sociedad de Caza y Pesca La Vi-

guesa. As atenções dispensadas aos espinhenses durante a sua presença na Galiza exigem retribuição que, estamos certos, não será regateada pelos nossos conterrâneos.

A todos, portugueses e espanhóis, que venham a Espinho no próximo dia 20 de Julho, desejamos que levem de Espinho a melhor das recordações e desta apagada tribuna lhes enviamos os afectuosos cumprimentos de boasvindas em nome da juventude desportiva de Espinho.

P. M.

TURISMO

Continuado da pág. 1

Adentro da propaganda é precisa muita teimosia, muita insistência. Uma verba anual destinada a um plano bem organizado, assente em duas ou três modalidades, alheio a brochuras de mau gosto e a páginas comerciais, tem de ser mantida a todo o custo. O plano pronto a funcionar todos os anos, com regularidade, não pode deixar de frutificar.

O aproveitamento desse enorme valor tão desprezado que é a Barrinha, da vizinhança do Mosteiro de Grijó, do Castelo da Feira, também está por fazer. Nem sequer existe um mapa colorido, guia e cartaz, para distribuir a todos os turistas.

Falta quase tudo. E, se hoje já se vai fazendo alguma coisa, ainda há muito a realizar. E' certo que não se pode erguer uma obra dum momento para o outro, mas também não é menos verdade que muitas iniciativas dispensam de muito tempo e de grandes capitais.

A missão é espinhosa, muito difícil para os responsáveis, mas, se estes souberem arranjar bons colaboradores e tiverem a consciência do que é fazer Turismo, Espinho poderá ter novos horizontes.

O Turismo é uma poderosa fonte de riqueza capaz de engrandecer uma terra, mas exige um trabalho consciente e profundo. Podemos e devemos fazer mais e melhor.

G.

a entrada aos sócios com cartão, e no pleno gozo de seus direitos. Para tal, poderão entregar uma fotografia ao cobrador do club,

ou então procurar adquiri-lo na secretaria do Club, sita na sede da Rua 16.

Observador X

PABLO PICASSO

Continuado da pág. 10

esta, podem levá-lo a atitudes desconformes. Para fazê-lo, bastará ter o talento, a rebeldia e a coragem indómita de um Picasso.

A ser verídica a confissão a que nos estamos reportando, em que situação ficaria a alta crítica, que, devido aos seus caprichos, mais imaginativos do que interpretativos, descobrisse nas criações de Picasso aquilo que elas não têm? Isso não seria escandaloso, e não condenaria para sempre essa crítica e esses críticos da obra picassiana, responsabilizando-os por um ludíbrio pior que o do próprio Picasso? A ser verídica a dita confissão, seria necessário retirar dos museus os quadros deste autor, para que o ludíbrio não continuasse a fazer maiores danos.

No comentário do «Dígme» recorda-se uma velha peça de teatro, «El rey que rabio», e o coro dos ministros que cantavam: «la disciplina se impone, la exige nuestro honor»; e afirma-se que a alta crítica tendo incorrido na responsabilidade do escândalo picassiano, «deve ser demitida»... O comentarista outorga a Málaga uma grande graça, «porque su Picasso ha estado gueno, gueno, pero muy gueno»... Mas como demiti-la do seu mandato? Não seria possível! A ser verídica aquela confissão, o escândalo mergulharia num profundo silêncio para se salvar a honra do convento...

E a crítica continuaria na mesma cadeia de delírios interpretativos, arrastando as suas vaidades e concupiscências, prestando-se a jogos malebares de toda a ordem, mas não sendo útil ao progresso da cultura, por carência de escrúpulos, de bom senso e bom gosto.

Felisberto Ferreira

(In «Notícias de L. Marques»)

PISCINA SOLÁRIO ATLÂNTICO

PROPRIEDADE DA

Empresa de Melhoramentos de Espinho

S. A. R. L.

A exemplo do ano anterior continua a inscrição para o aumento de capital social a que esta Empresa vai proceder, devidamente autorizada, representado em títulos de **uma e cinco acções**, encontrando-se aberta:

NO PORTO: Rua de Santa Catarina, 49

EM ESPINHO: Ass. Académica de Espinho

A aquisição de uma acção dá ao seu titular o direito a um **livre-trânsito na Piscina**, o que equivale, para uma frequência contínua, a uma compensação de 35% anuais

Adquirir acções da **PISCINA SOLÁRIO ATLÂNTICO** é cooperar na manutenção deste empreendimento que coloca **ESPINHO** num plano de relevo no **TURISMO NACIONAL**

NOTA IMPORTANTE — Por decisão da Assembleia Geral desta Empresa, continua abolida a concessão de livres-trânsitos

PISCINA SOLÁRIO ATLÂNTICO

«Rendez-vous» da Costa Verde

Reabriu as suas instalações no dia 19 de Julho

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES * INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

CEREAIS — MERCEARIAS
Armazenistas

AZEITES
Armazenistas e Exportadores

Cadinha & Couto

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52

A M I N A

BAR — RESTAURANTE

DE Ribeiro & Figueiredo, L.^{da}
RUA 19 N.º 200 — ESPINHO

ABERTO TODA A NOITE

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA

DUARTE & C.^a

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)

Largo dos Aviadores, 104

Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451

Telefone 16

ESPINHO

CASA SOUSA



LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

C I M E N T O S

Bravo Portland
LUSO  PATAIAS

Utilizá-los é preferi-los

DISTRIBUIDOR:

A. Trindade, Sucessor

CAIXA POSTAL
4

FERRO, AÇO E CARVÕES
MATERIAL LUSALITE
TINTAS TEXOLITE

TELEFONE
39

880, AVENIDA OITO, 886 ~ ESPINHO

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JÚNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO DE AUTOMÓVEIS || CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 e 22-ESPINHO-TELEFONE 338

Colégio de N.ª S.ª da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A

FABRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA
PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS

SOUSA & IRMÃO

RESERVAM ESTE ESPAÇO PARA QUANDO PRECISAREM DE PROPAGANDA

FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.^a, L.^{da}

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇAS E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 222

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

TIPOGRAFIA PROGRESSO

ANTÓNIO GUETIM

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
TRICROMIAS

RUA 20 N.º 361 • ESPINHO • TELEFONE 125